

O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA PROFICIENTE NO ENSINO MÉDIO

Francisca Luana Rolim Abrantes (1); Rosângela Vieira Freire (4)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) luana_abrantes@hotmail.com,
rosangelaveafs@yahoo.com.

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa sobre o ensino de Literatura em sala de aula, realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Júlio Sarmento, com alunos do 3º ano, da cidade de Sousa-PB. Os questionamentos que motivaram a dada pesquisa foram: Pode a sequência didática evidenciada por Cosson (2006) ajudar no incentivo à proficiência de leitura no Ensino Médio? É possível aplicar estratégias lúdicas no ensino da Literatura e, ao mesmo tempo, desenvolver o senso crítico do aluno? De que modo utilizar os textos literários como instigadores de leitura literária em sala de aula? A partir de tais indagações este artigo tem como objetivo mostrar uma experiência de leitura realizada na referida escola, tentando contribuir com a formação de alunos leitores do texto literário. Constitui, ainda, nosso corpo de análise junto aos discentes a obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos ampliando as discussões sobre a seca e os comportamentos sociais e linguísticos inerentes a região nordestina. Para respaldar nossas discussões, apoiamos-nos nas concepções de leitura abordadas por Bunzen (2006), Cosson (2006), Cereja (2005), Coelho (1976), PCNS do Ensino Médio (1997-1998), entre outros. Na intenção de se obter respostas significativas, este estudo foi pautado em observações das aulas de Literatura, das investigações em relação às competências e habilidades leitoras e da experiência com o texto literário em sala de aula a partir da sequência didática proposta por Rildo Cosson (2006). Pode-se afirmar que a experiência com o romance “Vidas Secas” vivenciada, na escola Mestre Júlio Sarmento, atingiu os objetivos a que nos propusemos alcançar.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura e Ensino, Experiência Leitora, Formação Proficiente do Aluno-Leitor.

1. Introdução

O ensino de Literatura no Brasil liga-se à história do período colonial, quando os jesuítas abordavam a Literatura através do método *Ratio Studiorum*, que compreendia o uso de técnicas tradicionais e aplicação de exercícios e era conhecido como Método Pedagógico dos Jesuítas. Esse método de ensino era modelado pelas disciplinas de Gramática, Retórica e Poética aplicadas ao estudo da Língua Portuguesa e da língua latina. Sobre essa dada época, Socorro Barbosa (2005), afirma que essa prática ligava-se à oratória, erudição e estilo e exigia que os seguidores tivessem contato com as obras clássicas como referências para uma boa escrita, transformando a aprendizagem numa atividade difícil e penosa ao aluno.

Apesar de a sociedade ter vivenciado intensas modificações nas formas de se comunicar e viver, essa forma de ensinar ainda prevalece como modelo em muitas escolas do país.

Entretanto, conforme Lajolo (2008), o cidadão, para exercer, plenamente, sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário eficiente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos, isto implica dizer que o ensino de literatura nos moldes tradicionais não é mais satisfatório às práticas de interação do mundo moderno, exigindo-se, cada vez mais, profissionais comprometidos, capazes de motivar os alunos a serem “usuários competentes da linguagem literária” (p.106).

Em se tratando da educação básica, sabe-se que um dos grandes desafios no Ensino é levar para a sala de aula métodos e estratégias que resultem não apenas em interesse dos alunos, mas também na formação de leitores muito além do espaço escolar. Esse hábito de leitura funciona como gerador de competência para a prática da escrita e motivador de intervenções comunicativas sobre o universo vivenciado pelo discente. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), a leitura é a gênese da produção eficaz de contextos da escrita e da percepção das relações entre textos, pois ela “nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever” (p.40).

Porém, sabemos que esses resultados tão almejados só serão possíveis, se o processo de leitura fizer sentido para o aluno, tornando-se agradável. Neste sentido, a prática docente atua como facilitadora do letramento literário, tornando os alunos sujeitos ativos não apenas na decodificação do texto, mas na crítica de mundo por ele mediada.

É necessário, por conseguinte, que o professor também exerça a prática da leitura e, utilize esse mundo transfigurado, ficcional, permeado de verossimilhança, erguido pela Literatura para estabelecer contato com o lado humano e social do aluno e torná-lo leitor. Para Cosson (2006), “é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a Literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”, ou seja, a Literatura é capaz de refletir sobre fatos e sentimentos do mundo real, promovendo discussões amplas e proveitosas sobre a sociedade e os que nela habitam.

Embora o conhecimento das funções do ensino de Literatura esteja cada vez mais amplo entre os profissionais de ensino, as práticas historicistas, pautadas nas classes literárias e a omissão de leituras críticas do texto literário, quase inexitem na maioria das escolas. Neste sentido, nos indagamos: Pode a sequência didática evidenciada por Cosson (2006) ajudar no incentivo à proficiência de leitura no Ensino Médio? É possível aplicar estratégias lúdicas no ensino da Literatura e, ao mesmo tempo, desenvolver o senso crítico do aluno? De que modo utilizar os textos literários como instigadores de leitura literária em sala de aula?

A partir de tais indagações este artigo tem como objetivo mostrar uma experiência de leitura realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Júlio Sarmiento, localizada na cidade de Sousa-PB, com alunos do 3º ano do Ensino Médio, intentando contribuir com a formação de alunos leitores do texto literário. Constitui, ainda, nosso corpo de análise junto aos discentes a obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos ampliando as discussões sobre a seca e os comportamentos sociais e linguísticos inerentes à região nordestina.

Para respaldar nossas discussões, apoiamo-nos nas concepções de leitura abordadas por Coelho (1976), Cosson (2006), Lajolo (2008), PCNS do Ensino Médio (1997), entre outros.

2-Literatura no Ensino Médio: Uma Reflexão sobre as Práticas de Leitura Literária

Geralmente, é no Ensino Médio que a maior parte dos alunos tem contato com as mais diversas obras literárias, todavia a grande maioria das obras estudadas é repassada pelos professores apenas através de uma abordagem historicista, a qual não desperta o gosto, o fascínio pelo texto literário, uma vez que não o tem como meta. Assim, a grande preocupação dos docentes se fixa na abordagem das escolas literárias, autores e citação de obras, esquecendo-se de fomentar a leitura literária, propriamente dita. Sobre isso, Cereja (2005, p.89) nos afirma:

Ensinar Literatura brasileira e Literatura portuguesa, com base na descrição de seus estilos de época, de suas gerações, autores e obras mais importantes tornou-se um expediente tão comum nas escolas, que para muitos professores é praticamente impossível imaginar uma prática de ensino diferente dessa.

Essa abordagem prende-se ao fato de os docentes estarem preocupados em fazer o aluno guardar maior quantidade de informações para os exames de vestibulares. Com as novas propostas indicadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, essa prática vem sendo questionada, pois em muitas questões ligadas à Literatura o aluno tem que inferir para responder às questões propostas. Apesar disso, as questões de múltipla escolha, que pouco acrescentam para a formação do aluno como um sujeito leitor, ainda são utilizadas como recurso metodológico em sala de aula. Além disso, vale ressaltar que muitos professores buscam ensinar apenas os cânones literários, negligenciando sua condição de mediador do conhecimento.

É interessante se pensar que quando falamos no ensino de Literatura no Ensino Médio as primeiras atividades que vêm à cabeça de muitos alunos são resumos, textos fragmentados, características das classes literárias, filmes que retratam a obra abordada pelo professor, anulando-se, dessa forma, a experiência pessoal de vivência do educando com as obras literárias e os possíveis sentidos que este poderia atribuir à leitura dessas obras. Devido a tais abordagens, muitos alunos, quando indagados sobre a sua leitura do texto literário,

afirmam que não gostam de ler, que é chato, que é tedioso. Nesse sentido, o maior desafio do ensino de Literatura é promover uma metodologia dinâmica, interativa que instigue o aluno a pensar, a desenvolver o seu lado crítico e, assim, construir os mais variados sentidos diante do texto literário.

Acredita-se que o professor deve criar condições dentro da sala de aula para que o aluno possa não só ter o prazer de ler, mas também, de interagir com os conteúdos do texto, percebendo a linguagem como prática social e se posicionando, criticamente, diante dos fatos, ou seja, trazendo dessa forma, a leitura dessas obras para o seu contexto de vida, para a sua realidade. De acordo com Bunzen (2006, p.91): “Ensinar Literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária.”.

Logo, o docente deve ter esse olhar reflexivo para o ensino de Literatura em sala de aula e não querer ser um detentor do saber, que é o que muito acontece nas salas de aula. O aluno é visto apenas como um agente passivo do saber em que ele tem que saber Literatura, não importa como, mas que saiba, que conheça as escolas literárias, as características, as principais obras.

A Literatura, acima de tudo, deve propiciar prazer ao leitor, só assim, ele se tornará um sujeito leitor e, conseqüentemente, um sujeito crítico, ativo e reflexivo diante do mundo.

Gustave Lanson (*apud*, Colomer, 2007, p.37) diz que: A ideia de que um jovem quando sai do liceu tem “que” saber Literatura é uma das mais absurdas que conheço; a Literatura, para a maior parte das pessoas, não há de ser um objeto de conhecimento concreto, mas um instrumento de cultura e uma fonte de prazer. Há de servir ao aperfeiçoamento intelectual e há de produzir um prazer intelectual. Portanto não se trata de “saber”; trata-se de ler Literatura e amá-la.

Diante das colocações de Lanson (*apud*, Colomer, 2007), fica evidente que o que falta é justamente isso: prazer e amor ao texto lido, pois quando o aluno não é estimulado a essa prática leitora, ele, além de não conseguir sentir o prazer que o texto literário propicia, também não consegue produzir sentidos diante do que ler. Portanto, para que o aluno-leitor sinta-se atraído pelo texto literário, o professor, na condição de mediador do conhecimento, deve oferecer condições necessárias para a formação de leitores proficientes, capazes de desenvolver suas competências e habilidades leitoras.

2.2 A Importância do Texto Literário em Sala de Aula e os Desafios em se Trabalhar as Obras Literárias

Muito se tem discutido sobre a importância da Literatura, principalmente, em se tratando do cânone literário e ao tratamento dado em sala de aula. Mas afinal, para que estudar Literatura? Antes de tudo, trago aqui, um pensamento de Jacinto do Prado Coelho (1976, p.46):

[...] Não há, suponho, disciplina mais formativa que a do ensino da Literatura
[...] Saber idiomático, experiência prática e vital, sensibilidade, gosto, capacidade de ver, fantasia, espírito crítico – a tudo isto faz apelo à obra literária, tudo isto o seu estudo mobiliza. [...] A Literatura não se fez para ensinar: é a reflexão sobre a Literatura que nos ensina.

Como bem aponta Jacinto (1976, p.46), a Literatura nos promove uma experiência enriquecedora com as mais diversas situações, contextos históricos e culturais presentes nas obras literárias. Fazendo-nos assim, viajar no tempo e no espaço e, além disso, desenvolver diversas competências e habilidades, sendo-lhe permitido assumir uma atitude crítica em relação ao mundo, a qual o texto literário oferece. Todavia, para que essas habilidades e competências leitoras sejam desenvolvidas muitos desafios relacionados ao ensino de Literatura e a formação do aluno-leitor precisam ser superados. Mas o que fazer para superar esses desafios impostos ao ensino de Literatura e à formação leitora?

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998 p.3737), a escola assume um papel bem relevante: formar discentes capazes de reconhecer as particularidades, os sentidos e a grandiosidade que os textos literários trazem e o professor, na condição de mediador do conhecimento, propiciar ao alunado o prazer com a leitura. A escola, enquanto formadora de cidadãos críticos e autônomos, deve não só priorizar, mas também promover práticas e metodologias diversificadas para assim desenvolver a capacidade leitora dos educandos, estimulando-os através da leitura. É através desse estímulo que o professor conseguirá obter um resultado significado e assim, formar alunos-leitores. A prática da leitura precisa fazer sentido, ser atrativa. Cosson (2006, p.23) diz que: “É fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária”. Além disso, ele ainda acrescenta: “A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. Em consonância com Cosson (2006, p.23), percebe-se que o texto literário a ser trabalhado em sala de aula precisa produzir sentidos, precisa ser motivador, o professor precisa conhecer o nível de competência literária do aluno para que este possa realizar uma leitura interpretativa. Enfim, mesmo diante de todos os desafios impostos em relação ao ensino de

Literatura e à formação leitora, o professor, na condição de mediador, pode traçar estratégias para que esses desafios sejam superados e assim, o aluno torna-se um leitor proficiente.

3. Metodologia

O trabalho intitulado “O Texto Literário em Sala de Aula: Uma Experiência de Leitura Proficiente no Ensino Médio” é fruto de uma pesquisa qualitativa, realizada com alunos, do 3º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Júlio Sarmiento, localizada na cidade de Sousa-PB.

A dada pesquisa partiu das observações das aulas de Literatura, das investigações em relação às competências e habilidades leitoras e, dos seguintes questionamentos: Pode a sequência didática evidenciada por Cosson (2006) ajudar no incentivo à proficiência de leitura no Ensino Médio? É possível aplicar estratégias lúdicas no ensino da Literatura e, ao mesmo tempo, desenvolver o senso crítico do aluno? De que modo utilizar os textos literários como instigadores de leitura literária em sala de aula?

Para responder a tais perguntas utilizou-se como embasamento teórico os trabalhos desenvolvidos por Lajolo (2008), Coelho (1976), Cosson (2006).

A fase interventiva deu-se a partir de uma experiência de leitura com a obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, tendo como estratégia de mediação pedagógica, a sequência didática básica de Cosson (2006), que é composta por quatro momentos: MOTIVAÇÃO, que pode ser realizada por meio de questionamentos que antecedam a leitura da obra ou por meio de uma dinâmica. O segundo momento, INTRODUÇÃO, em que são apresentados brevemente o autor e a obra. Como terceiro momento, A LEITURA DA OBRA EM SI que requer o acompanhamento pelo professor, feito por meio de relatos em sala de aula ou de atividades específicas como a leitura de textos menores que tenham ligação com a obra e, por último, a INTERPRETAÇÃO, que tem duas fases: uma interna - o aluno sozinho e a outra externa - quando socializa sua experiência literária. A partir dessa sequência de mediação pedagógica, os alunos foram levados a ler, discutir, refletir e encenar a obra.

4. Experiência de Leitura Literária da Obra “Vidas Secas” com Alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Mestre Júlio Sarmiento

A experiência de leitura da obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, realizada com alunos do 3º ano do turno da noite, da Escola Estadual Mestre Júlio Sarmiento procedeu-se a

partir da sequência didática de Rildo Cosson (2006), a qual acontece com a sequência: Motivação, Introdução, Leitura da Obra em si e Interpretação.

De posse desta sequência, começou-se a experiência. Inicialmente, foram colocados alguns cartazes na sala como estratégia de motivação e incentivo à leitura.

Na primeira semana, foi feita uma sondagem sobre o autor, a obra e o gênero “romance” através de questionamentos, tais como: Vocês já ouviram falar do gênero “romance”? Quais as características desse gênero? E quanto a Graciliano Ramos? Alguém já ouviu falar sobre esse escritor? Vocês já leram alguma obra dele? Esse autor pertence a que classe literária? Alguém já leu o romance “Vidas Secas”? Depois desse momento, os alunos assistiram ao documentário sobre Graciliano Ramos. Em seguida, foi solicitada aos alunos a leitura oral e compartilhada da obra que durou, aproximadamente, 02 semanas. Além da obra literária, os discentes tiveram acesso ao filme, que retrata de forma, fiel, a vida de uma família pobre, que em tempos de seca é obrigada a se deslocar para lugares menos castigados por ela.

Terminada essa etapa, os alunos participaram de um bate papo literário, que tinha como objetivo, maior, despertar o lado crítico do educando, levando-o assim, a refletir sobre as seguintes questões: Por que a obra se chama Vidas Secas? Por que os filhos de Fabiano não têm nome? Por que a morte de Baleia causou tanto sofrimento? Por que Fabiano foi preso? Vocês acham que o domínio da linguagem interfere na forma de agir das pessoas? Por que Baleia tem sentimento e Fabiano não? Qual era o sonho de Sinhá Vitória? Por que Fabiano não comprou a cama que tanto Sinhá Vitória queria? Assim como os pais, os filhos de Fabiano terão o mesmo destino, ou seja, uma vida sofrida, sem oportunidade e, principalmente, desprovidos do conhecimento e da linguagem? Por que os pais têm uma linguagem extremamente limitada? O patrão de Fabiano era honesto? Como ele tratava Fabiano? Em vários momentos, Fabiano e sua esposa fazem menção ao senhor Tomás da Bolandeira. Quem era seu Tomás? Por que ele é apenas citado na narrativa? O patrão de Fabiano não era uma pessoa honesta. Sempre pagava menos do que o combinado. No filme, é perceptível esse momento. Por que, Fabiano aceitava essa condição?

Ademais, aproveitando a oportunidade e a discussão, os alunos foram levados a comparar, a partir de uma imagem, a obra “O menino morto”, de Candido Portinari com os personagens de “Vidas Secas”. Por fim, os alunos foram motivados a encenar a obra. Os ensaios foram realizados em horário oposto. Todos os alunos participaram e se envolveram, de forma significativa na encenação da obra. Foi um encerramento grandioso. A obra “Vidas Secas” fez sentido para todos os alunos que ali estavam e que vivenciaram essa experiência.

5. Resultados Finais da Pesquisa

A partir da experiência vivenciada em sala de aula através do romance “Vidas Secas” percebe-se que é possível, sim, aplicar estratégias lúdicas no ensino de Literatura que desenvolvem o senso crítico e privilegiam a formação do aluno leitor. Além disso, constata-se que muitas são as possibilidades de se trabalhar o texto literário em sala de aula. A exemplo disso podemos citar a sequência didática evidenciada por Cosson (2006) que, a partir dos mecanismos Motivação, Introdução, Leitura da Obra em Si e Interpretação incita o aluno à uma proficiência de Leitura. Através dessa sequência, os discentes fizeram uma leitura compartilhada, oralmente, que os instigaram a refletir sobre a obra em questão e a temática por ela abordada, de forma dinâmica, interativa e reflexiva.

6. Considerações Finais

A experiência de leitura abordada neste artigo permite-nos concluir que mesmo diante de todos os desafios existentes na prática de ensino de Literatura, ainda é possível transformar esse ensino através de práticas inovadoras, capazes de aproximar cada vez mais o aluno do texto literário. Cabe ao professor atuar como mediador do conhecimento, transformando a leitura no instrumento de letramento literário e a sua prática numa experiência significativa aos discentes. É sabido que, para que isso aconteça, o docente terá que traçar novos caminhos, buscar metodologias que aproximem os alunos do texto literário para envolvê-los, despertando a criatividade e o espírito crítico deles. Além disso, é importante ressaltar que muitas vezes o discente acaba se distanciando das obras canônicas porque muitos professores se prendem ao ensino de aulas expositivas e de leituras de obras fragmentadas, apresentadas apenas no livro didático. Essa abordagem compromete o ensino de Literatura e pouco acrescenta à formação do sujeito leitor. Todavia, para que isso se reverta, o docente deverá buscar não só o embasamento teórico, mas também, ser um leitor assíduo.

O professor de Literatura deve estar sempre em contato com a leitura, pois esse prazer deve ser reavivado sempre, para que assim os alunos possam sentir-se contagiados, atraídos não só pela experiência leitora do professor, mas também, pela obra em si. Como dizia Carlos Drummond de Andrade “*A leitura é uma fonte inesgotável de prazer*”. O ensino de literatura deve ser prazeroso.

O aluno enquanto leitor deve sentir-se eivado pela obra a qual ele está lendo. Quantos alunos que não gostavam de ler e, a partir de uma metodologia

diversificada, começaram a gostar da leitura? Talvez, o que falta nas aulas de Literatura seja a expressão literária em si, o texto de forma real, vivenciado, encenado onde o personagem sai do papel, a história ganha vida e os personagens, seus devidos papéis.

Portanto, pensemos dessa forma: O texto literário deve ganhar vida, ser o centro das aulas de literatura e não, um mero objeto metodológico, capaz de ensinar apenas estilos literários.

7. Referências

BARBOSA, Socorro de F. Pacífico. **A literatura no contexto dos documentos oficiais: Linguagens usos e reflexões**. Vol. 6. In: ALDRIGUE, Ana C. de Sousa; LEITE, Jan Edson Rodrigues (org.). João Pessoa: Editora UFPB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1.ª a 4.ª série – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v.1.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e a formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COELHO, Jacinto do Prado. **Ao contrário de Penélope**. São Paulo: Bertrand, 1976.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000. 160p.

COLOMER, Teresa. **Andar entre os livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: global, 2007

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 1986.

